

APRENDIZAGEM E VIDA NAS DINÂMICAS PARA BEM VIVER: APORTES TEÓRICOS E GUIA INTRODUTÓRIO NAS PERSPECTIVAS DE (CON)VIVÊNCIAS DO CORPO À ALMA

João Beauclair

Conferencista e palestrante sobre temas educacionais e psicopedagógicos. Consultor educacional e psicopedagogo institucional atuando no campo da educação corporativa. Professor convidado por diversas instituições brasileiras para cursos de pós-graduação na área educacional e psicopedagógica. Mestre em Educação. Mestre em Educação e Pós-graduado em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira – Rio de Janeiro. Psicopedagogo pela UCAM - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Escritor, ambientalista, poeta, ensaísta e autor de diversos artigos sobre Psicopedagogia, Educação, Meio Ambiente, Ecologia Humana, Direitos e Valores Humanos.

Email:

joabeauclair@yahoo.com.br

RESUMO

Vida é abertura e movimento de recusa ao fechamento: somos seres vivos ao estarmos abertos para a essência da vida, que é a aprendizagem. Ao longo de nossas histórias de vida, somos todos convocados ao permanente aprendizado, que carece sempre de adaptação e de organização para que seja possível nossa evolução. O principal objetivo deste pequeno artigo é organizar alguns aportes teóricos que sirvam ao saber-fazer presente nas vivências e na prática fundamentada numa perspectiva transdisciplinar e transpessoal, com a MOP Metodologia de Oficinas em Psicopedagogia, uma proposta de intervenção que aprimora o papel da mediação nas dinâmicas para o bem viver, como estratégia de aprendizagem ao longo da vida, validando a aprendizagem biográfica e o ato humano de aprender.

Palavras-chave: psicopedagogia, aprendizagem, educação, metodologia

I - Compreendendo os processos do aprender:

Sobre o tema aprendizagem, encontramos uma imensidade de artigos, textos, livros, sites e teorias, além de saber que muitas são as contribuições das Ciências Humanas a nossa busca por compreender os seus processos.

Com a *MOP Metodologia de Oficinas Psicopedagógicas*, minhas intervenções docentes e em atividades científicas e acadêmicas têm sido no sentido de alertar para a imensa riqueza originada desta constatação e, ao mesmo tempo, para o imenso desafio que se configura, pelo fato de estarmos enredados numa gama de diferenças teóricas, que nos cria, em muitos momentos, situações de desconforto e angústia, por não sabermos ao certo, como fazer ou como agir em determinadas situações.

Um outro ponto, que sempre destaco, é sobre a importância das atitudes questionadoras e da ampliação de nossos pensares sobre as competências e habilidades necessárias à mediação engajada e focada na relação de ajuda. Além disso, chamo atenção para o desenvolvimento dos processos de autoria de pensamento, que necessariamente devem estar presentes neste movimento.

O conceito de autoria de pensamento é extremamente significativo neste sentido, pelo simples fato de ser um processo através onde os sujeitos autorizam-se a pensar e a produzirem sentidos em suas próprias vidas e aprendizagens. Em decorrência da aceitação de suas autorias, processos de criatividade ganham novas possibilidades de existir nestes sujeitos e, com isso, a auto-estima, fundamental para o bem viver de todos nós, é ampliada e ressignificada.

Muitas pessoas com as quais interajo em meus cursos, conferências e palestras pensam inicialmente na autoria de pensamento apenas como a possibilidade da produção/construção textual. Esclareço sempre que exercitamos nossa autoria até mesmo quando desenvolvemos uma receita de um determinado prato, quando elaboramos um novo jogo, quando procuramos novas formas de falar e sentir antigas questões, antigos posicionamentos. Todos os movimentos para o *conhecimento, para o conhecer*, emergem a partir da interação das nossas potencialidades subjetivas com nossa cognição. Para conhecer é preciso estar sempre indo além da informação propriamente dita.

II - Construção do conhecimento e vida:

Fazer emergir a construção do conhecimento na ação de compreender que a vida é abertura e movimento de recusa ao fechamento, em processos de formação e de cuidados terapêuticos, é

colocar-se, enquanto mediador, diante da interação como busca de motivação permanente, num processo vivencial baseado nos sujeitos e em suas relações grupais.

Assim, com o desenvolvimento de estratégias de autoria de pensamento, surgem situações de validação, ou seja, é essencial fazer com que cada sujeito aprendente, em qualquer fase de sua vivência e aprendizagem biográfica, valorize suas trajetórias e percursos, validando positivamente suas experiências e as dos grupos que porventura faça parte, percebendo que somos todos portadores de unicidades vivenciais diferenciadas, elemento fundamental de crescimento para si mesmo e para o próprio grupo.

São as diferenças que fazem com que o movimento das experiências vividas seja incorporado como conhecimento efetivo. A construção da subjetividade humana é processo contínuo, sem interrupção, permanente. Nossa aprendizagem acontece de fato quando, diante do novo e do desconhecido, nos posicionamos de forma aberta e receptiva. Mas para tal, é preciso ter ânimo, motivação, desejos de assimilar novas informações, de transformá-las em conhecimento, apropriando-se de seus conteúdos e com isso, elaborar construções de novos saberes, enfim, favorecer a mudança.

Em tal transformação, a formação pessoal ganha espaço de imensa importância, para todos os que atuam como mediadores, cuidadores e terapeutas, por ser possibilidade concreta para que se assumam competências e habilidades necessárias ao seu fazer. A formação profissional exige, cada vez mais, este movimento pessoal, à medida que o ato humano de aprender se situa em todas as esferas da vida social, para além dos espaços e tempos tradicionais, repletos de cotidianos desafios.

Com o advento das novas tecnologias de informação, vivemos tais desafios em todos os campos da vida humana e precisamos, a todo instante, nos sentirmos desafiados a criatividade e a inovação, buscando convergir saberes e fazeres de modo transdisciplinar, enfocando conteúdos de modo mais abrangente e fazendo uso de estratégias de intervenção centradas nos processos e na subjetividade presente em cada ser.

O uso de metodologias ativas possibilita interações criativas e faz surgir espaços e tempos vivenciais que constituem ambientes de aprendizagens significativas.

III- Flexibilidade no vivenciar complexas, inusitadas e inesperadas situações: a mediação com intencionalidade e consciência.

Situar em lugares de *fazimentos*, como nos ensinou o educador brasileiro Paulo Freire, dedicar esforços para a capacidade de criação de vínculos positivos, favorecer a autonomia e propiciar momentos de exercício de autoria de pensamento são metas e objetivos a serem

buscados, sempre. Para isso, é vital o exercício da flexibilidade no vivenciar complexas, inusitadas e inesperadas situações.

O trabalho do *mediador-formador-facilitador*, em quaisquer níveis de intervenção, exige domínio de técnicas vivenciais vitalizadoras, para que as diferentes modalidades de pensamento e aprendizagem sejam respeitadas e conhecidas, ganhando corporeidade e significação.

Vida é abertura e movimento de recusa ao fechamento. Na constituição de situações de aprendizagens, criadas no exercício mesmo da cotidianidade de nosso acionar, precisamos sempre de um *ensinante* e de um *aprendente*, que interagem entre si, estabelecendo relações, em função da relação mesma que ambos estabelecem com o conhecimento.

A intencionalidade da consciência e da intuição vivenciadas em todo este movimento, possibilita espaços de autoria de pensamento que se intercambiam na formação da subjetividade do psicopedagogo e dos profissionais da área de educação e saúde, gerando novas possibilidades de conexão entre informações, conhecimentos e saberes, enriquecendo seus acervos de experiências e vivências significativas no ato de aprender.

IV - A autoria de pensamento: informações, conhecimentos e sabedoria.

Aprendemos e ensinamos mutuamente - *mediador, facilitador, ensinante e aprendente* -, quando estruturamos pedagogicamente nossas *aulas/intervenções* como um lugar de interlocução, um espaço de interação, onde potencialidades são despertadas e o não-saber é evidenciado. A Psicopedagogia, enquanto campo transdisciplinar do conhecimento nos propicia elementos constitutivos para o desenvolvimento de nossa autoria de pensamento, nos fazendo crer que é possível nos apropriarmos de informações e conhecimentos para transformá-los em saber.

1

Nas experiências com as oficinas psicopedagógicas construímos situações diferenciadas de aprendizagem, onde há espaço para o não-saber. A partir da autoria de pensamento, por exemplo, vamos renovando a prática pedagógica nos cursos de Psicopedagogia, como forma de efetiva intervenção e construção de espaços vivenciais na formação do psicopedagogo.

Minhas diferentes vivências desenvolvidas no decorrer de alguns anos atuando como mediador em tais grupos, me objetivo a criar condições concretas para que ocorra um reencontro do sujeito consigo mesmo enquanto aprendente, de modo que se possa criar novos significados para o já vivido, revendo suas experiências e trabalhando com suas frustrações, desejos e sonhos, consciente da sua própria realidade enquanto sujeito cognoscente e aprendente.

Todo o processo se vincula, inicialmente, com a vivência de dinâmicas de grupos, onde o sujeito é motivado a pensar em sua subjetividade ao relacionar-se com outros sujeitos, presentes na mesma busca por motivos diversos, mas no mesmo espaço e tempo vivencial. Após momentos de exposição de conteúdos e informações, ao se constituírem como grupo, o estímulo seguinte é o de formarem subgrupos e a trabalharem juntos, sob minha orientação, com temas e questões psicopedagógicas e educacionais, desafiados a construir modos inovadores e criativos para apresentarem suas conclusões e/ou inconclusões, ou seja, o percurso do vivido.²

Posteriormente, temos os momentos de compartilhar tudo isso de modo coletivo, em um círculo onde todo o processo de construção de saberes é evidenciado com a exposição das tensões, dos dilemas, dos desafios e das dúvidas surgidas. É um momento de celebração, pois aquilo que foi originado nos subgrupos é “*parido*” diante do grupo maior e, quase sempre, são momentos de poesia, de beleza, de música, de vivências que nos leva a refletir, a aprender, a ressignificar nossas ações e motivar nossa caminhada adiante.

Durante todo este processo, todos os elementos do grupo são motivados a registrar idéias, tomando notas sobre o que estão vivenciando, para posteriormente estarem produzindo textos e pequenos artigos, elaborando sínteses e construindo os *Diários de Bordo como registro de Aprendizagens*, uma técnica que venho desenvolvendo faz algum tempo, para motivar processos de autoria de pensamento em Psicopedagogia.³

VI - Escrita e subjetividade: sentidos e significados.

A escrita, de suma importância para a constituição de nossas subjetividades, estabelece sentidos e cria significados porque faz com que o vivido extrapole a experiência presente – que com o tempo pode ser esquecida. A escrita é registro, onde nossa expressão ganha singularidade própria ao nosso pensar e fazer.⁴

Para a Psicopedagogia todos nós, aprendentes e ensinantes, devemos nos tornar sujeitos do saber, devemos ter entusiasmo pelo conhecimento. Na formação profissional do psicopedagogo, acredito ser fundamental trabalharmos com a questão da autoria de pensamento. Sendo autores, podemos conhecer nossas próprias histórias, passo essencial para a construção consciente e permanente de nossas subjetividades.

De acordo com REMEN (1998), muitos

“não conhecem sua própria história. A história sobre quem somos, não sobre o que fizemos. Sobre o que enfrentamos para construir o que construímos, sobre aquilo a que recorreremos e que riscos corremos, o que sentimos, pensamos, recebemos e descobrimos

durante os acontecimentos de nossa vida. A verdadeira história que pertence somente a nós” .⁵

Com a proposta formativa das oficinas psicopedagógicas, busco aprimorar minha própria autoria de pensamento para compartilhar a minha história como formador. Quando utilizo a *MOP Metodologia de Oficinas Psicopedagógicas*, mostro ao grupo que ao nos autorizarmos a escrever, a sermos autores, podemos trabalhar como nossas subjetividades, com nossos valores, com nossa unicidade, com respeito ao tempo de cada um, pois o sujeito se constitui, ganha significado e sentido para si mesmo no decorrer de suas vivências.⁶

A partir do exercício da autoria de pensamento podemos compreender que objetividade e subjetividade compõem nossa história e permite o avançar em nossas cotidianas formas de estarmos atuando em Educação, Saúde e Psicopedagogia. As repercussões deste trabalho ganham validade e são observadas quando tenho a oportunidade do reencontro, quando leio as avaliações feitas após o vivido em cada nova experiência. E o prazer fica ainda maior quando leio as produções textuais construídas, presentes nos artigos, nos ricos *Diários de Bordo*, nos relatórios das atividades desenvolvidas, que são entregues ao final das horas vividas em comum, ou com um prazo combinado para estas devolutivas.

A escrita, quando construída nos espaços e tempos motivadores presentes em nossas ações significativas a partir do estarmos juntos com os outros, cria possibilidades infinitas de reflexão, de aprendizagens, de significação efetiva aos nossos movimentos de vida situados no ser e no saber, na busca do conhecer mais e ir além.

Conclusão:

Acredito, a partir das minhas crenças e convicções como humano ensinante, que aprender é uma aventura dramática e desejante, que deve ser vivenciada num *espaçotempo* de formação que tenha uma proposta de intercâmbio, intervenção e construção de novas autorias e que tudo isso resulte em novos fazeres e novos saberes. Na contemporaneidade, o processo de construção de conhecimentos deve considerar a aprendizagem humana em suas dimensões culturais, políticas, econômicas, históricas e sociais, sem jamais esquecer condicionantes pessoais, que estruturam o *sujeito aprendente*.⁷

Essencial, no ato de aprender e ensinar e no ato de fazer nossas intervenções clínicas e terapêuticas, é colocar-se na posição de um *sujeito desejante*, compreendendo a necessidade de criarmos uma rede teórica múltipla e rica que possa evitar, na nossa formação contínua, que fiquemos presos a concepções reducionistas, que acabam por ser limitantes aos nossos processos de *autonomia e autoria de pensamento*.⁸

Sempre me proponho a compartilhar a crença de que é essencial descobrirmos nossas potencialidades, criarmos novas possibilidades para tornar próprio, de fato, aquilo que já é nosso, que reside em nossa subjetividade e quem nem sempre temos a necessária coragem para mostrar, experimentar, vivenciar, compartilhar, para nos fazermos aprendentes em investigações transdisciplinares.

Andrade (2003), em trabalho sobre conhecimento e construção de subjetividades nos ensina que para tal é necessário que cada um “*se interrogue sobre suas escolhas, suas práticas, suas angústias e seus desejos: pensar nas suas limitações possibilita contatar suas possibilidades.*”⁹

Buscar compartilhar escolhas, práticas, desejos é mover-se para a interlocução e ao diálogo, colocando-se a disposição para o intercâmbio e ir adiante, sabendo com o poeta que o caminho se faz ao caminhar, interagindo e vivenciando nossas aprendizagens biográficas, buscando as dimensões da *vida, saúde e bem estar na gestão de si mesmo e na gestão do ser.*

Referências:

¹ Amplio estas idéias em BEAUCLAIR, João. *Educação & Psicopedagogia: aprender e ensinar nos movimentos de autoria*. Pulso Editorial: São José dos Campos, 2007.

² BEAUCLAIR, João. *Psicopedagogia: ensinantes e aprendentes no processo de aquisição do conhecimento*. Revista Científica da FAI, vol.7, número 1, Santa Rita do Sapucaí, pp. 46-51, 2007.

³ BEAUCLAIR, João. *Aprendizagem significativa e construção de diários de bordo: configurando registros na práxis de formação em Psicopedagogia*. Revista Científica da FAI, vol.5, número 1, Santa Rita do Sapucaí, pp. 13-20, 2005.

⁴ BEAUCLAIR, João e SILVA, Ana da. *Encontros e trajetórias: autoria de pensamento, percursos de aprendizagens significativas e criatividade*. Comunicação apresentada no II Congresso Iberoamericano de Pedagogia Social/ XXI Seminário Interuniversitário de Pedagogia Social. 17,18 e 19 de Setembro de 2007. Allariz (Ourense) y Chaves (Trás-os-Montes). Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social. Universidade de Vigo, Espanha.

⁵ REMEM, Rachel Naomi. *Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão*. Editora Ágora: São Paulo, 1998, p. 22.

⁶ BEAUCLAIR, João. *Metodologia de Oficinas Psicopedagógicas: vivenciando uma perspectiva de interação em Psicopedagogia*. [Comunicação e Oficina Psicopedagógica]. IV Encontro Mineiro de Psicopedagogia. Associação Brasileira de Psicopedagogia. Seção Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2006.

⁷ BEAUCLAIR, João. *(Con)vivências do corpo à alma: aprendizagem e vida nas dinâmicas para bem viver*. No prelo.

⁸ BEAUCLAIR, João. *Autoria de pensamento, aprendizagens e ensinagens: novos modelos e desafios na produção de conhecimento em Psicopedagogia*. Publicado no site da Associação Brasileira de Psicopedagogia www.abpp.com.br, 2004.

⁹ ANDRADE, Márcia Siqueira. *O sujeito como autor e a produção do conhecimento em psicopedagogia*. IN: Pinto, Silvia Amaral de Mello, (coord.) e SCOZ, Beatriz Judith Lima et al. (orgs.) *Psicopedagogia: um portal para a inserção social*. Editora Vozes, Petrópolis, 2003, p.39.